



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

DENISE DE LIMA NEVES

**A NARRATIVA DA MEMÓRIA NA CRÔNICA SERTANEJA DE RACHEL DE
QUEIROZ: TRADIÇÃO E IDENTIDADE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

DENISE DE LIMA NEVES

**A NARRATIVA DA MEMÓRIA NA CRÔNICA SERTANEJA DE RACHEL DE
QUEIROZ: TRADIÇÃO E IDENTIDADE**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para conclusão do curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N518n Neves, Denise de Lima
A narrativa da memória na crônica Sertaneja de Rachel de
Queiroz [manuscrito] : tradição e identidade / Denise de Lima
Neves. - 2016.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino,
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise Literária 2. Memória 3. Tradição 4. Crônica 5.
Cultura Nordestina I. Título.

21. ed. CDD 801.95

DENISE DE LIMA NEVES

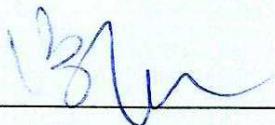
**A NARRATIVA DA MEMÓRIA NA CRÔNICA SERTANEJA DE RACHEL DE
QUEIROZ: TRADIÇÃO E IDENTIDADE**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras
e Artes da Universidade Estadual da Paraíba
como requisito para conclusão do curso de
Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

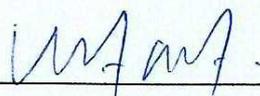
APROVADO EM: 08/07/2016

NOTA: 8,5



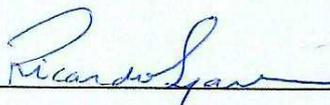
PROF.º DR. LUCIANO BARBOSA JUSTINO (UEPB)

ORIENTADOR



PROF.º DR. ANTONIO DE BRITO FREIRE (UEPB)

EXAMINADOR 1



PROF.º DR. RICARDO SOARES DA SILVA (UEPB)

EXAMINADOR 2

CAMPINA GRANDE - PB
2016

Aos meus pais, José Rodrigues Neves Junior (In memoriam) e Maria de Lima
Neves. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser a fonte das minhas forças e determinações.

À minha família pelo apoio e incentivo constante.

Ao professor Luciano Barbosa Justino pela orientação que foi fundamental.

“Aqui, no entanto, nada disso tem muito eco, parece tudo tão longe como se a gente estivesse olhando do lado avesso de um binóculo”.

(Rachel de Queiroz, 1960, p. 187).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a presença da memória e das tradições na crônica “Sertaneja” da escritora cearense Rachel de Queiroz. Para tanto, observa a maneira como a descrição de costumes evidencia e valoriza a cultura nordestina e, em particular, o sertão através de um olhar intimista que a autora utiliza para fazer um paralelo entre o Rio de Janeiro e o cotidiano do sertanejo. A comparação enfatiza as diferenças existentes no modo de ver a vida das pessoas que convivem no centro urbano e as do campo. Na crônica, é possível perceber um direcionamento do texto para um espaço de diálogo em que as marcas de representatividade e de pertencimento se mostram presentes em toda a narrativa. Assim, analisam-se também as referências de identidade que se constroem a partir da memória cultural, das relações que o homem estabelece com a terra e em particular com a descrição do cotidiano, tendo no texto literário a possibilidade de preservar um universo identitário valioso para a autora em estudo. Neste viés, o presente artigo é resultado de um estudo crítico-interpretativo da crônica selecionada, embasado nas discussões teóricas acerca da identidade e da memória propostas por Hall (2005), Antonio Candido (2000), Halbwachs (2006), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVES: Memória. Tradição. Cultura. Identidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 – Memória coletiva e representatividade.....	09
2 – Fios da memória: a crônica de Rachel de Queiroz e a valorização dos costumes.....	12
3 – Crônica Sertaneja: a memória valorizada, a tradição descrita.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXO.....	22

INTRODUÇÃO

A escrita sobre os costumes e as tradições cria um espaço de diálogo entre passado e presente estabelecendo espaços de diálogo em que várias referências se tornam significativas e colaboram para que a construção de uma imagem acerca das práticas culturais, consideradas como intervenções ativas, possa servir de base às várias construções identitárias.

Nesse sentido, é importante destacar que a identidade é um lugar múltiplo e dinâmico em que diversas particularidades se entrecruzam e favorecem ao sujeito um direito de identificar-se e permitir-se eleger onde e como estabelecer seus limites culturais.

Partindo desse entendimento, o presente artigo realiza uma análise acerca da importância da memória e da descrição dos costumes na crônica “Sertaneja” de Rachel de Queiroz tendo como principal objetivo observar a maneira como essa descrição alicerça e evidencia a valorização da cultura nordestina, figurando entre um relevante lugar de pertencimento.

A escolha dessa crônica se deu por ser um texto em que a autora tece um paralelo entre um centro urbanizado – a cidade do Rio de Janeiro- e o sertão. Não qualquer sertão, mas o “Seu” sertão, cheio de memórias e lembranças que são descritas como um ideário de felicidade e satisfação, razão pela qual o texto em estudo se situa dentro de uma temática que evidencia o cotidiano nordestino trazendo nas tradições, um lugar de discurso no qual a autora se habituou a abordar, fazendo dos costumes do sertanejo um espaço de denúncia social e de ressignificação cultural, principalmente no que diz respeito às temáticas em torno da seca, problematizando um fazer literário que marcou sua carreira enquanto escritora.

Assuntos como a seca, a luta pela sobrevivência, o lugar da mulher na sociedade patriarcal, dentre tantas outras abordagens existentes em seus textos, fez de Rachel de Queiroz uma mulher à frente de seu tempo, contribuindo para que se destacasse no cenário literário nacional, integrando o ciclo nordestino de produção chamado Romance de 30.

Na crônica “Sertaneja” as lembranças trazidas pela memória correspondem a um repensar, com imagens e ideias baseadas no presente, as experiências do passado. O cotidiano, a tradição e os costumes delineiam um panorama das vivências relatadas, conduzindo o leitor a um imaginário onde o dia a dia do sertanejo evidencia e reforça a importância da preservação da cultura considerada de maneira viva e dinâmica.

Assim sendo, este estudo pretende contribuir com a análise sobre das peculiaridades da crônica de Rachel de Queiroz, focalizando a relação entre memória, tradição e identidade. A partir do contexto literário tendo como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica com estudos conceituais acerca da identidade e da memória, apoiando-se em críticos como Stuart Hall, Antonio Candido, Halbwachs, dentre outros que reconhecem a relevância dos estudos culturais para o contexto literário.

É um estudo que pretende perceber através da crônica queiroziana, a memória, desencadeada pela vida atual do sujeito, o qual (re)inventa o sertão uma vez que a crônica em questão apresenta um cenário contemplativo onde é possível perceber na descrição de costumes uma menção à memória, ressaltando tradições e valorizando a cultura.

1 MEMÓRIA COLETIVA E REPRESENTATIVIDADE

De acordo com Candido (2000) a questão da memória na literatura se faz consistente diante de uma perspectiva social e política que pretenda ressignificar as noções de pertencimento dos sujeitos frente às múltiplas variações de contextos em que os constantes deslocamentos e os descentramentos terminam por oferecer diversas opções de identificação.

É nesse contexto que a memória coletiva precisa ser descrita para salvaguardar o passado, reforçando os vínculos sociais e culturais e evitando que o homem se perca no futuro sem história. Desta forma, é possível entender que as fronteiras entre o texto literário e histórico se dissolvem diante de um mesmo sistema linguístico: a narrativa. É ela quem consegue apresentar, através do discurso, um panorama necessário à fusão entre a realidade e os rastros

deixados pela memória e pela história, construindo um local de reflexão necessário à reafirmação das identidades HALBWACHS (2006).

Segundo Oliveira (2012, p. 564):

O discurso literário torna-se uma representação dotada de credibilidade pelo fato de narrar a realidade de um jeito extraordinário de ser, seja, pela sombra de uma escritura tecida pela “magia” que se esconde nas esteiras das “entrelinhas” da linguagem. Cria a metáfora representativa de um mundo que dá uma “rasteira” no próprio real. A memória que produz o discurso literário é uma memória imaginária, ideologicamente historicizada por um determinado contexto. Ela é a âncora do texto literário, o rastro, resíduo de um passado que volta a se presentificar (OLIVEIRA, 2012, p. 564).

As percepções das relações entre os costumes e o cotidiano contribuem para que a tradição se torne uma realidade presente no cotidiano dos sujeitos ao mesmo tempo em que favorece os elementos essenciais em torno do sentimento de pertença. São os usos dos costumes que reforçam os entendimentos acerca de como a cultura e a identidade conseguem consolidar nos sujeitos os contextos de suas vivências, construindo assim a memória coletiva.

Dentro desse entendimento, é possível perceber que as revisitações em torno do cotidiano trazem para a literatura um espaço de construção onde o contar-se contribui para (re)configurar as vivências, desenvolvendo novas identidades e reforçando outras tradições essenciais à manutenção das memórias.

É uma relação construída a partir do olhar histórico-cultural, o qual termina por se basear num hibridismo necessário ao considerar a interposição entre a narrativa, a história e a memória, desenvolvendo assim um panorama literário capaz de desenvolver no leitor uma noção de proximidade com o que vai sendo narrado, entendendo que a identidade se faz presente no ato narrativo não como um definidor de espaços, mas como um lugar diverso em que é possível perceber múltiplos significados.

Sobre esse aspecto, o presente estudo toma como base teórica a percepção de Hall (2005) a qual entende a identidade como um devir dinâmico em que as trocas entre o eu e o ambiente favorecem imaginações e comportamentos essenciais ao fazer literário:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificações e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2005, p. 39).

Nesse sentido, os sujeitos constroem suas identidades através dos agrupamentos que escolhem para interagir dentro da perspectiva de reflexão em torno das suas memórias. É uma questão que leva ao entendimento de que o indivíduo se firma enquanto sujeito social por meio do coletivo, através da memória enquanto tradição, o passado se compõe como um elemento constituinte da identidade mas não definidor, fator que contribui para a legitimação do social no fortalecimento das identidades e das vivências, sobretudo nas construções literárias que tomam como espaço narrativo o contar-se:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vivemos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Essa percepção contribui para o entendimento de que na construção da identidade, a memória coletiva, a tradição e a cultura perpassam as interações sociais e redefinem as emoções, acionando vivências e interpretações que podem ser despertadas por meio da literatura.

É dentro desse aspecto que a tradição surge como um reforço à memória, balizando o retorno ao passado para que este não se perca em descontinuidades do contemporâneo. É uma referência necessária à manutenção das lembranças uma vez que consolida a valorização das vivências.

Para Nora (1993), o texto literário também se empenha em ressignificar o passado, tornando-o um lugar de memória em que a reinvenção contribui para a preservação do tradicional. Na voz do autor as vivências, os testemunhos e os documentos contribuem para construir outras visões a partir da lembrança, consolidando assim a sua forma de memória coletiva em que as alusões ao passado reforçam a identidade formalizando visões do dever ser e dever sentir.

Perceber essa realidade é o que faz da narrativa literária um espaço de construção de identidades, uma vez que se sentir pertencente a uma determinada cultura é identificar-se com ela e este aspecto se firma nas escolhas que o autor faz ao colocar no contexto literário suas impressões pessoais acerca da tradição que decide abordar.

Nesse sentido, a subjetividade do contar-se reitera uma perspectiva reflexiva em torno da tradição, porque é dentro das escolhas que o autor faz que percebemos suas intenções e anseios acerca de como decide definir o que vai sendo contado. Suas influências ficam explícitas e assim contribuem para que o leitor tenha acesso ao seu mundo, sendo este momento, um espaço de troca sem o qual, o fazer literário não teria sentido.

Para Candido (2000, p. 68):

A literatura é, pois um sistema vivo de obras agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2000, p. 68).

Esse conceito reforça o entendimento em torno das construções dialógicas essenciais dentro do espaço da literatura, aspecto indispensável para o fortalecimento das questões da tradição e da memória coletiva enquanto elementos de ressignificação identitária. Ao tomar contato com sua história, com os costumes de sua região através do espaço literário, é possível que o sujeito consiga ampliar e fortalecer seus próprios conceitos de representatividade, razão pela qual há nas abordagens literárias que tratam do nordeste brasileiro uma forte evidência dos costumes e da memória configurando assim um importante conjunto de abordagens significativas em torno das temáticas que tratam do nordeste, tais como o cotidiano, a religiosidade, os costumes, cultura, os folguedos dentre outros.

2 FIOS DA MEMÓRIA: A CRÔNICA DE RACHEL DE QUEIROZ E A VALORIZAÇÃO DOS COSTUMES

A escrita de Rachel de Queiroz é permeada por subjetividades que justificam o ato ficcional como uma ponte entre a realidade e as referências culturais das quais a autora lança mão, fazendo com que sua narrativa se consolide em torno de temáticas relevantes ao universo nordestino: a seca, a descrição de costumes, a memória coletiva e a tradição são abordados dentro de uma criação que privilegia um roteiro instigante ao expor de forma consubstancial a vivência do povo.

Na crônica “Sertaneja”, é possível perceber uma supervalorização dos usos e costumes do sertão, principalmente no tocante à evidenciação do senso comum. A exposição desse conhecimento traz para o texto um encontro significativo entre o leitor e a tradição nordestina pautada na observação da realidade, na atenção aos pequenos sinais em torno da natureza, configurando assim um espaço de pertença pertinente ao contato com a cultura nordestina, emoldurando um sentimento de respeito e gratidão por parte da autora, demarcando bem as referências que pretende evidenciar.

Aqui, no entanto, nada disso tem muito eco, parece tudo tão longe como se a gente estivesse olhando do lado avesso de um binóculo. Longe, miúdo e embaraçado. O problema agora, nas casas de pobre, é arranjar paiol para o feijão, que a safra é grande. Na força destas chuvas de maio, o feijão tem que ser apanhado ligeiro senão nasce todo no roçado. Milho já é mais fácil, basta virar. Mas o feijão ou se corre ou se perde. Em casa não fica mais nem velho nem menino: deixou de engatinhar e vai catar bajem de feijão (QUEIROZ,2004, p.187).

São essas referências que tornam essa crônica uma janela por onde a escritora convida o leitor a tecer um paralelo entre a cidade e a vida no sertão, percebendo na descrição dessa vida a tentativa de expor a valorização da cultura através da memória, construindo assim um espaço descritivo necessário.

Na Literatura, é papel da narrativa ser o elo que, por meio da capacidade que esta arte possui de permitir a (re)constituição das memórias das sociedades, se deixa revelar como uma voz única em sua multiplicidade de expressão de forma que: “(...) a necessidade da escrita do texto se justifica por dois vieses: o alívio das tensões do escritor e a revelação de uma problemática coletiva que precisa ser desvelada” (ARAUJO, 2011, p. 38).

Mas a escrita pode ser caracterizada também pela “ânsia do escritor em revisitar a história oficial, tornando audível e visível a história das ‘vozes do sertão’, pela ficção resgata esses ecos que precisam causar estrondo na contemporaneidade e reverberar no futuro” (ARAÚJO, 2011, p. 38). Nesse sentido, a descrição apresentada na crônica Sertaneja consegue agregar a memória cultural do nordeste configurada na discussão e valorização do senso comum em contraponto ao que se passa nos grandes centros urbanos:

Uma coisa na cidade se perde: são as estrelas. Mesmo numa cidade mal iluminada como hoje é o Rio, o reflexo das luzes da terra não consentem que se avistem direito as luzes do céu. Nem se quer a Lua tem vez. Certas noites a gente chega de repente à janela do apartamento e até sofre um choque: Meu Deus, olha a Lua! Ninguém nem mais se lembrava de que havia Lua no mundo (QUEIROZ,2004,p.185).

Dessa forma, é possível considerar que a crônica Sertaneja é constituída por relações que possibilitam (re)visitar as memórias da cultura, da história e das subjetividades existentes no senso comum nordestino, formalizando um entendimento que se faz necessário em torno das tradições que se pretende evidenciar e ressignificar

É um caminho constante na obra da autora, configurando a permanência das relações homem/meio como definidor social, utilizando a memória como um recurso indissociável da representação identitária e entrelaçando variados contextos que compõem a beleza das tradições nordestinas.

3 CRÔNICA SERTANEJA: A MEMÓRIA VALORIZADA, A TRADIÇÃO DESCRITA

“ Sim, estrela em cidade não tem serventia” (QUEIROZ,2004,p.185).

A crônica é um gênero que nasceu enquanto conteúdo documental, tendo no cronista um documentarista preocupado com o contexto histórico e social de sua época. A própria etimologia da palavra aponta para essa assertiva: *kronos*= tempo; é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica (COUTINHO, 2008).

No entanto, seu contexto ganha força à medida em que se torna presente nos jornais, assumindo novas características e se tornando um texto sucinto,

simples e por tal razão mais próximo do leitor. É um fazer literário que transfigura o real de acordo com as preferências e particularidades do autor, trazendo um lugar de fala muito particular onde o escritor tem um campo próprio de criação, negociando com o texto suas estratégias de pertencimento.

Dentro desse entendimento, na crônica é importante assinalar o caráter observador da pessoa que narra. É um (re)contar de fatos carregado de subjetividades, entrelaçando vivências e identidades capazes de remontar as mais complexas memórias.

Estes aspectos se fazem presentes na escrita de Rachel de Queiroz porque configuram um estilo narrativo que focaliza a sua realidade regional, os sentimentos de pertença e a vivência de seu povo. São textos carregados de sentimento e subjetividade, mas sem se voltar ao proselitismo literário.

É um processo de demarcação do lugar privilegiado da memória que, através da crônica, reconfigura os contextos de identidade e pertencimento, construindo abordagens que ocasionam empatias entre texto e leitor. Através do ato de contar, a autora possibilita o contato com as práticas sociais que lhes são comuns e nessa apresentação, fortalece a relevância da narrativa para a preservação da memória.

A leitura da crônica "Sertaneja" recompõe um contexto de observação em que Rachel de Queiroz traça um paralelo entre o Rio de Janeiro e o sertão cearense. É um espaço narrativo que evidencia os costumes e permite ao leitor compreender como os usos do conhecimento comum são pertinentes à consolidação da cultura que tanto reafirma a identidade do povo nordestino. A luta contra a seca, as experiências em torno das possibilidades de chuva, a dificuldade social que assola o sertanejo quando não é possível colher em abundância, são aspectos que fazem parte da escrita queiroziana e, no texto aqui analisado, reafirmam a condição de força e o encantamento que a autora tem em torno da sua identidade nordestina.

Há, na crônica "Sertaneja", uma descrição do senso comum baseado nos princípios meteorológicos, configurando assim uma característica peculiar do sertanejo, o qual sofre constantemente por causa da estiagem e desde muito

cedo aprende os ensinamentos dos antepassados, baseados nos sinais da natureza e da observação do céu.

É um costume que caracteriza o povo nordestino e está presente no ideário popular através do hibridismo, agregando os conhecimentos acerca das ciências do espaço e a vivência do homem comum.

Este é um aspecto recorrente na crônica em análise porque configura um entendimento em torno de uma realidade muito presente no cotidiano do povo nordestino: a espera pelo inverno, porque a ocorrência das chuvas é necessária para o plantio e a colheita. É o que se percebe no seguinte trecho:

Já aqui no sertão os homens a bem dizer se preocupam mais com o céu que com a terra. Pois não vê que é do céu que depende tudo cá em baixo, fartura ou fome, vida ou morte? E não metafisicamente mas objetivamente mesmo. Cearense nenhum é capaz de passar todo um dia sem estudar o céu, com angústia ou com alegria. Os torreões de nuvens. Os relâmpagos, os carregos de chuva e toda a rosa dos ventos: vento sul que é bom, vento norte que é perigoso, vento nordeste que é ruim como o diabo (QUEIROZ,2004,p.185).

Essa descrição proporciona uma ideia fiel das perspectivas que acompanham a vivência do sertanejo, o qual compreende que sua subsistência depende do clima, uma realidade que caracteriza o Nordeste e tem sido recorrente nos trechos que tentam retratar a temática da seca, construindo assim um conjunto de possibilidades narrativas pertinentes ao contexto literário que traz na descrição da seca a denúncia social e também a reafirmação das tradições e da identidade.

Desde o início do seu emprego, o termo nordeste esteve (e está) fortemente relacionado com a seca. É um aspecto que não esteve ausente da literatura e por essa razão, se constitui em um universo a ser permanentemente reinventado, mas nunca esquecido. Para Albuquerque Jr. (2001, p. 68)

O Nordeste é em grande medida, o filho das secas, produto imagético discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito desde fenômeno, desde que a grande seca de 1977 veio coloca-la como problema mais importante da área (ALBUQUERQUE JR. 2001, P. 68.).

Nesse sentido, a descrição de Rachel de Queiroz na crônica em estudo, favorece e reafirma esse entendimento, sobretudo porque oferece detalhes

acerca dos costumes que sacralizam essa relação existente entre a ideia de nordeste e a seca, problema que afeta diretamente a economia, a política e a cultura e exige dos sujeitos a reinvenção de suas práticas de subsistência:

Caça é que tem muito pouca. Marreca não se vê, nem pato-do-mato que aqui se chama putrião. Andaram umas avoantes mas sumiram, uma que outra sericoia e uns jacus muito sem-vergonhas, que aparecem de tardezinha, fazem uma estralada dos diabos mas não deixam o caçador tomar chegada. O goiano fica tão furioso com esta falta de caça que já chegou a dar tiro até mesmo em tetéu; só faz agora se rebaixar e atirar em anu... O azar é tanto que na hora em que encontrou um gato-do-mato estava sem arma... (QUEIROZ,2004, p.187).

De fato, essa descrição leva a uma identificação entre a autora, o panorama narrado e a sensibilidade do leitor. Ao expor as ações do sertanejo, a perspectiva de chuva baseada na observação de sinais da natureza, a autora constrói um discurso identitário importante na medida em que consegue, através de sua descrição de costumes, preencher de sensibilidade poética essa espera tão presente na vivência do nordestino, construindo uma narrativa completa de referências à memória e à tradição de seu povo.

É nesse contexto que a autora utiliza a crônica para, por meio de suas próprias experiências, confirmar a existência de uma identidade que vale à pena ser evidenciada. É uma perspectiva de narrativa que contribui para que a memória seja valorizada através de uma escrita contemporânea, uma vez que o uso da crônica, conforme Arrigucci (2001) coloca, torna-se um espaço narrativo ideal para a exposição de assuntos pertinentes ao espaço de preservação histórico-cultural num contexto múltiplo e dinâmico:

A crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos. [...] ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos (ARRIGUCCI, 2001, p. 53).

Assim, o olhar sensível da autora em torno dos costumes de sua região, apresentado na forma de crônica revelam um caráter observador que muito tem a

dizer, sobretudo por se ater aos pequenos detalhes, os quais contribuem decisivamente para reafirmar a importância que a cultura nordestina, a tradição e a memória exercem nos textos dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da crônica “Sertaneja” possibilitou um entendimento acerca da descrição dos costumes enquanto aspecto de representatividade da cultura nordestina formalizada através do texto literário e das impressões que a autora coloca em seu texto. A apresentação das tradições faz uma ancoragem que formaliza a evidenciação desses costumes enquanto aspecto inerente da identidade pretendida por Rachel de Queiroz.

Ao descrever de forma muito particular os comportamentos do homem do campo em torno da espera por chuvas, a cronista explicita a relevância desse conhecimento no que diz respeito aos espaços de pertencimento, destacando através dessas vivências, a importância das tradições nordestinas e da memória coletiva dentro do fazer literário por ela desenvolvido.

Dessa forma, o texto em análise apresenta na narração pessoal uma configuração identitária pertinente na qual o tom intimista da autora aponta para uma estrutura narrativa voltada para a valorização dos costumes através da memória. É uma ressignificação do espaço cultural nordestino, levando o leitor a perceber as diferenciações necessárias entre o cotidiano urbano e a vivência sertaneja, elegendo assim um lugar de discurso privilegiado onde a tradição reforça a importância da cultura local no desenvolvimento dos sentimentos que a autora pretende expor no seu texto.

ABSTRACT

This study aims to analyze the presence of memory and traditions in chronic "Country" of Ceará writer Rachel de Queiroz. Therefore, observe the way the description of customs highlights and values the northeastern culture and, in particular, the interior through an intimate look that the author uses to make a parallel between Rio de Janeiro and the countryman everyday. The comparison highlights the differences in the way of seeing life of people living in the urban center and the field. In chronic, you can see a direction of the text for a space for dialogue where brands of representation and belonging are shown present throughout the narrative. So also analyzed the identity of references that are built from the cultural memory, the relationship that man establishes with the land and particularly describing the daily life, and in the literary text the possibility of preserving a valuable identity universe to the author studied. In this bias, this article is the result of a critical-interpretive study of chronic selected, based on theoretical discussions about identity and memory proposed by Hall (2005), Antonio Candido (2000), Halbwachs (2006), among others.

KEYWORDS: Memory. Tradition. Culture. Identity.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2011.

ARAUJO, Adriana de Fátima Barbosa. **Migrantes nordestinos na literatura brasileira**. 2011. 192 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ARRIGUCCI Jr., Davi. O sertão em surdina (Ensaio sobre O Quinze). *In*. **Literatura e Sociedade**. Edição comemorativa. Universidade de São Paulo / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. n.5, São Paulo: USP/FFCH/DTLLC, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, Publifolha, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A. 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, 1. ed. n 10, 1993, p.07-28.

OLIVEIRA, R. B. de. **Nas fronteiras ficcionais do discurso afro-lusófono em o vendedor de passados, de José Eduardo Agualusa e Os cus de Judas, de Antônio Lobo Antunes**. *In*. Anais do Sili Afro, v.1, n. 1, EDUFU, 2012, p. 558-577.

QUEIROZ, Rachel. **Sertaneja**. *In*: Coleção Melhores Crônicas, 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

ANEXO

SERTANEJA

Uma coisa na cidade se perde: são as estrelas. Mesmo numa cidade mal iluminada como hoje é o Rio, o reflexo das luzes da terra não consentem que se avistem direito as luzes do céu. Nem se quer a Lua tem vez. Certas noites a gente chega de repente à janela do apartamento e até sofre um choque: Meu Deus, olha a Lua! Ninguém nem mais se lembrava de que havia Lua no mundo.

Isso porém é tão raro, tanto chegar à janela quanto espiar no céu. Sim, estrela em cidade não tem serventia. Acho que a última vez em que olhei para o céu, no Rio, foi quando andaram por lá os aviões supersônicos, e assim mesmo olhei foi com medo, por causa do estrondo.

Já aqui no sertão os homens a bem dizer se preocupam mais com o céu que com a terra. Pois não vê que é do céu que depende tudo cá em baixo, fartura ou fome, vida ou morte? E não metafisicamente mas objetivamente mesmo. Cearense nenhum é capaz de passar todo um dia sem estudar o céu, com angústia ou com alegria. Os torreões de nuvens. Os relâmpagos, os carregos de chuva e toda a rosa dos ventos: vento sul que é bom, vento norte que é perigoso, vento nordeste que é ruim como o diabo.

De noite, então. A gente se senta no parapeito do alpendre ou se deita na rede e fica conversando devagarinho – qualquer assunto manhoso e sem interesse, porque o interesse está mesmo é lá em cima. A papa-ceia se apresenta este ano zangada, vermelha, será sinal de inverno bom ou inverno ruim? Já a estrela-d'alva, iluminando a madrugada que até parece feita de brilhante, quer dizer boas esperanças. No ano em que o Cruzeiro do Sul muda mais para cima, pode esperar chuva. Muito bom também é zelação, mormente quando corre para o lado do mar. O mar fica a trinta léguas de distância mas diz o povo que escuta o estrondo da estrela cadente quando se afoga na água salgada.

Depois vem ainda a Lua, as infindáveis variações da Lua. Lua crescente de tarde cedo, muito bem desenhada e com a sombra bem preta, quer dizer fim de inverno. Lua com lagoa, Lua sem lagoa – até menino pequeno entende de

lagoa de Lua. E ainda tem as nuvens, cada uma com a sua explicação. Quando elas são compridas e altas como torres, quando são baixas e esfarrapadas, quando são miúdas e gordas, quando são brancas, cinzentas, azuladas, roxas, negras... Quando recebem o reflexo do sol por baixo ou por cima, quando filtram a luz como um pano esgarçado, quando enchumaçam o céu de algodão, de alto a baixo.

E os relâmpagos? Se relampeja do norte é uma coisa, do sul é outra. Tem relâmpago aprumado e relâmpago deitado, tem até relâmpago telegrafista, um comprido e dois curtos, dizendo que a curva vem urgente.

Já o trovão pode ser de estalo e pode ser trovão de risada, como se alguém achasse graça, lá em cima. E trovão de ronco e trovão de tiro, mais grave e mais forte que o trovão de foguete, que de todos é o mais leviano.

*

Ninguém aí no Rio sabe disso. Pois são estas, agora, as minhas preocupações. Me esqueci do Governo e das candidaturas, do drama de Portugal, tenho até me descuidado do que anda fazendo o Marechal Lott. Quando estou aí, sempre acordo inquieta, pensando que ele pode muito bem ter aprontado alguma novidade durante a noite. Mas aqui, deixa pra lá. Faz um mês que não leio jornal nem revista, só velhos livros como *A marechala d'Ancre*, *Os crimes da Maçonaria*, essas coisas antigas. Esqueci aí na Glória o meu rádio de bateria, que era quem ia me dar notícias do mundo. Às vezes chega uma pessoa e conta um caso: que o Governo do estado vai diminuir o ordenado das professoras – volta tudo ao antigo salário de trinta mil-réis por dia, para que professora quer mais de novecentos cruzeiros por mês? Ou então as últimas da famosa derrubada que até parece o tempo do Império, quando subiam os conservadores e não ficava um liberal no emprego. Andam falando que já foram demitidos mais de cinco mil adversários. Enfim, políticas.

Aqui, no entanto, nada disso tem muito eco, parece tudo tão longe como se a gente estivesse olhando do lado avesso de um binóculo. Longe, miúdo e embaraçado. O problema agora, nas casas de pobre, é arranjar paiol para o feijão, que a safra é grande. Na força destas chuvas de maio, o feijão tem

que ser apanhado ligeiro senão nasce todo no roçado. Milho já é mais fácil, basta virar. Mas o feijão ou se corre ou se perde. Em casa não fica mais nem velho nem menino: deixou de engatinhar e vai catar bajem de feijão.

Caça é que tem muito pouca. Marreca não se vê, nem pato-do-mato que aqui se chama putrião. Andaram umas avoantes mas sumiram, uma que outra sericoia e uns jacus muito sem-vergonhas, que aparecem de tardezinha, fazem uma estralada dos diabos mas não deixam o caçador tomar chegada. O goiano fica tão furioso com esta falta de caça que já chegou a dar tiro até mesmo em tetéu; só faz agora se rebaixar e atirar em anu... O azar é tanto que na hora em que encontrou um gato-do-mato estava sem arma...

Fartura é mesmo de marimbondo-de-chapéu. Outro sinal de que o inverno continua bom. Parece que eles desconfiam do abrigo das árvores e se atacam para as casas. Só aqui no meu alpendre já matei com fochos de fogo umas oito casas deles, e só se pode queimar de noite, depois que estão dormindo. Aquele bicho acordado, pegando a gente no ferrão, dá febre, frio e dor de cabeça.

Na frente da casa um pé de jucá está florindo todo amarelinho.

E com esta, adeus.

(Não me Deixes, maio de 1960)